

**MEMÓRIAS EDUCATIVAS, HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS DOS
INDÍGENAS KAINGANG EM CANELA/RS: saberes, tradições e
resistências ancestrais**

**EDUCATIONAL MEMORIES, STORIES, AND EXPERIENCES OF
THE KAINGANG INDIGENOUS PEOPLE IN CANELA/RS: ancestral
knowledge, traditions, and resistance**

Maria Laura Brito Ortis¹

Resumo: Este artigo apresenta um recorte dos resultados da dissertação de mestrado desenvolvida pela pesquisadora indígena Tariana, que investigou as memórias educativas, os saberes ancestrais e as práticas culturais de sua comunidade localizada em Canela/RS. A pesquisa, de abordagem qualitativa e etnográfica, fundamentou-se na observação participante, entrevistas com cacique e mais integrantes da aldeia, com conversas formais e informais e registro de experiências cotidianas. Foram analisadas dimensões da educação indígena relacionadas à transmissão de saberes, à tradição, ao artesanato, à educação das crianças, ao uso das ervas medicinais e à valorização da língua nativa. Os resultados evidenciam que a memória coletiva é central na aprendizagem e que a educação Kaingang constitui um processo contínuo de resistência cultural e reexistência identitária. Para isso, fundamenta-se em contribuições de autores indígenas e não indígenas que abordam a educação intercultural, a história Kaingang e os processos de transmissão de saberes tradicionais, destacando a importância de uma pedagogia que valorize as epistemologias originárias e reconheça a pluralidade de formas de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Educação Indígena; Kaingang; Memórias educativas; Saberes ancestrais; Interculturalidade.

Abstrac: This article presents a section of the results from the master's thesis developed by the indigenous researcher Tariana, who investigated the educational memories, ancestral knowledge, and cultural practices of her community located in Canela/RS. The research, with a qualitative and ethnographic approach, was based on participant observation, interviews with the chief and other members of the village, formal and informal conversations, and recording of daily experiences. Dimensions of indigenous education related to the transmission of knowledge, tradition, crafts, children's education, the use of medicinal herbs, and the appreciation of the native language were analyzed. The results show that collective memory is central to learning and that Kaingang education constitutes a continuous process of cultural resistance and identity re-existence. To this end, it is based on contributions from indigenous and non-indigenous authors who address intercultural education, Kaingang history, and the processes of transmission of traditional knowledge, highlighting the importance of a pedagogy that values original epistemologies and recognizes the plurality of ways of teaching and learning.

Keywords: Indigenous Education; Kaingang; Educational Memories; Ancestral Knowledge; Interculturality.

¹ Mestra em Educação – Universidade de Caxias do Sul. E-mail: mlbortis@ucs.br.



Introdução

Este artigo analisa as memórias educativas e os saberes ancestrais do povo Kaingang no contexto de Canela/RS, partindo da compreensão de que a educação indígena se configura como um processo coletivo, histórico e territorializado, sustentado por práticas de resistência cultural. Fundamentada em perspectivas epistemológicas indígenas, a investigação considera que o conhecimento Kaingang é produzido e transmitido por meio de experiências vividas, narrativas orais, gestos, rituais e símbolos que integram dimensões éticas, cosmológicas e cotidianas da vida comunitária. As memórias educativas emergem, nesse cenário, como lugares de continuidade e reinvenção dos saberes tradicionais, tensionando modelos educativos homogêneos e reafirmando modos próprios de ensinar e aprender. A relevância do estudo reside na valorização dos conhecimentos ancestrais Kaingang como fundamentos legítimos da formação humana e na contribuição para o fortalecimento de práticas de educação intercultural que reconheçam a pluralidade epistemológica e os direitos dos povos indígenas à produção e transmissão de seus próprios saberes.

Sou da etnia Tariana, mulher indígena, e trago neste artigo parte do caminho percorrido em minha Dissertação de Mestrado, realizada entre os anos de 2023 e 2024, no território Kaingang de Canela/RS, na Serra Gaúcha. Esta pesquisa nasceu do desejo de compreender como nossas memórias educativas e saberes ancestrais continuam vivos nas práticas do cotidiano, na palavra dos mais velhos, no cuidado com as crianças e nos rituais que fortalecem nossa identidade.

À luz das reflexões de Ailton Krenak, a noção de resistência ultrapassa o campo político e assume uma dimensão existencial e educativa. Para o autor, “resistir é continuar sonhando”, pois o sonho constitui um exercício permanente de humanização diante das rupturas impostas pela colonialidade (Krenak, 2019, p. 27). Inspirada por essa compreensão, esta reflexão assume a educação não como um fenômeno restrito ao espaço escolar, mas como um modo coletivo de existir, sustentado por relações, memórias e compromissos com a vida. Trata-se de uma educação que se constrói na continuidade entre passado e presente, fortalecendo identidades e reafirmando modos próprios de produzir conhecimento.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a concepção freireana de educação como prática relacional e histórica. Paulo Freire afirma que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1996, p. 68), evidenciando que o processo educativo ocorre na interação entre sujeitos e realidades concretas. No contexto Kaingang, essa mediação se materializa na terra, na oralidade, nos

rituais e nas memórias ancestrais, que funcionam como verdadeiros arquivos vivos do conhecimento coletivo. Esses elementos não apenas transmitem saberes, mas orientam valores, ética e pertencimento, constituindo-se como fundamentos centrais de uma educação indígena que resiste, recria e reafirma a vida em sua integralidade.

Os conhecimentos tradicionais dos Kaingang constituem um patrimônio cultural vivo, transmitido de geração em geração e fortemente entrelaçado com a vida cotidiana, a espiritualidade, a ética comunitária e a relação com o território. Diferentemente de saberes formalizados, esses conhecimentos são construídos a partir da experiência prática, da observação da natureza e da participação ativa nos processos comunitários, sendo internalizados por meio da oralidade, dos rituais e das atividades coletivas (Souza, 2019).

Entre os saberes mais significativos estão aqueles ligados à cosmologia e espiritualidade, nos quais mitos, lendas e rituais explicam a origem do mundo, a função dos seres e a relação entre humanos, animais e espíritos. A participação nos rituais cosmológicos, permite que crianças e jovens compreendam os valores éticos da comunidade, a hierarquia social, o respeito aos mais velhos e a importância da preservação do território (Viveiros de Castro, 1998).

Outro campo relevante é o conhecimento relacionado à natureza e ao meio ambiente, incluindo o uso de ervas medicinais, práticas agrícolas, manejo de recursos naturais e observação dos ciclos ecológicos. O aprendizado desses saberes ocorre por imersão e prática: as crianças acompanham os mais velhos na coleta de plantas, na preparação de remédios tradicionais e no cultivo de alimentos, assimilando técnicas, nomes de plantas e significados culturais associados a cada prática (Ausubel, 2003; Luckesi, 2011).

Os artesanatos constituem mais um domínio de saberes tradicionais, nos quais a criatividade, o conhecimento técnico e os valores comunitários se entrelaçam. A confecção de cestarias, adornos, utensílios e vestimentas envolve conhecimento sobre materiais naturais, técnicas manuais e simbolismos culturais, sendo também uma forma de transmissão educativa de valores éticos, estéticos e sociais (Gomes, 2015; Souza, 2019).

Adicionalmente, a língua Kaingang desempenha papel central na preservação e transmissão desses saberes. Ela não é apenas um meio de comunicação, mas também um repositório de significados culturais, narrativas, conhecimentos sobre fauna, flora, rituais e modos de vida. O ensino e a prática da língua nativa fortalecem a identidade cultural, promovem autoestima e garantem que os conhecimentos ancestrais permaneçam vivos frente às pressões externas da escolarização formal e da sociedade dominante (Cunha, 2008; Souza, 2019).

Em síntese, os conhecimentos tradicionais Kaingang são interconectados e integrados à vida comunitária, à educação informal, à espiritualidade e à memória coletiva. Eles não apenas preservam a história do povo, mas constituem ferramentas pedagógicas, fortalecendo a aprendizagem autorregulada, a identidade cultural e a continuidade das práticas ancestrais. Reconhecer, valorizar e integrar esses saberes aos processos educativos contemporâneos é um passo essencial para garantir a preservação cultural e a sustentabilidade social e ambiental das comunidades Kaingang (Halbwachs, 1990; Freire, 1996; Viveiros de Castro, 1998).

Memórias educativas e transmissão de saberes

As memórias educativas Kaingang são práticas vivas, transmitidas oralmente e por meio da participação ativa das crianças nas atividades comunitárias. Charlot (1997) observa que a aprendizagem ocorre nas interações significativas, enquanto Munduruku (2012) enfatiza que a narrativa oral funciona como instrumento pedagógico, transmitindo valores éticos, sociais e ecológicos.

Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver. Em todo o resto do tempo você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho (krenak, 2020b, p.25).

As memórias educativas Kaingang não são apenas lembranças, mas processos ativos de construção de conhecimento. Cada experiência cotidiana, como plantar, colher, caçar, preparar alimentos é permeada de ensinamentos. Charlot (1997) destaca que a aprendizagem se dá na interação com o mundo; para os Kaingang, essa interação é com a natureza, a comunidade e o espírito ancestral.

Portanto a transmissão de saberes é participativa: as crianças aprendem observando e imitando, mas também questionando e experimentando. Munduruku (2012) reforça que a narrativa oral é pedagógica, transmitindo valores éticos, sociais e ecológicos. Durante minha pesquisa, observei que histórias sobre ancestrais ensinam sobre coletividade, solidariedade, cuidado com a terra e a importância do respeito mútuo, mostrando que o aprender e o viver estão intrinsecamente ligados.

É dada pelos indígenas de sua etnia ênfase no cotidiano e essa urgência no cotidiano implica em uma ‘filosofia’ que ‘se baseia na ideia do presente como uma dádiva que recebemos de nossos ancestrais e na certeza de que somos seres de passagem, portanto desejosos de viver o momento como ele se nos apresenta (Munduruku, 2012, p. 67).



Além disso, a transmissão de saberes é uma estratégia de resistência cultural. Em contextos de pressão externa como escolas urbanas ou políticas públicas homogêneas, manter as memórias vivas é afirmar identidade e assegurar a continuidade do conhecimento Kaingang. Cada conversa, cada história, cada gesto ensinado às crianças é um ato de preservação cultural.

Segundo Ortis (2023, p. 86) o cacique quando explica o significado sobre a conquista da Escola Indígena JAGTYG FYKÓG (Pedra de Fogo), que, em homenagem, o nome indígena do falecido Cacique Zílio Jagtyg Fykóg, pai do Cacique Mauricio. Também sobre o Posta de Saúde Indígena KÓGUNH SI (Erva Pequena). Segundo ele, ter uma Escola na Aldeia é uma conquista muito grande, pois os filhos precisam de uma escola que seja deles e ele argumenta dizendo:

O que a gente percebe das escolas não indígenas é um ensinamento diferenciado. De que os nossos filhos precisam aprender aquilo ali para que lá na frente eles tenham um emprego já. Um emprego bom. Onde ele vai ganhar muito dinheiro. Hoje eu vejo assim que as escolas estão preparando nossos filhos. Elas têm que estudar para lá na frente conseguir um emprego bom para vocês serem ricos ou ter muito dinheiro (Vên Tain² - Ortis, 2024, p 86).

Durante a pesquisa, foi percebido que a transmissão de saberes ocorre de forma simbólica, em gestos e silêncios. As crianças aprendem observando, ajudando, participando. O conhecimento é experiencial, e não fragmentado. Como diz Charlot (2000, p.78-80), “a aprendizagem é um ato de relação com o mundo”, e, no caso Kaingang, essa relação é de pertencimento e reciprocidade.

Educação começa dentro das nossas casas, mas que o desenvolvimento amanhã vai acontecer dentro da nossa escola indígena. São umas ferramentas que a gente também usa, a gente coloca nessa escola. Nossos filhos, além do conhecimento nosso tradicional ele tenha, mas que ele também possa, de alguma forma, levar esse conhecimento para fora da aldeia, nas escolas não indígenas, em universidades, para que as universidades trabalhem isso junto com ele, para que ele possa, de alguma forma, usar como uma ferramenta de proteção desse conhecimento. E de buscar o reconhecimento dessa sabedoria para a sua comunidade. E de alguma forma se proteger isso lá na frente, fora (Vên Tain – Ortis, 2024, p. 87).

As memórias educativas dos Kaingang de Canela, no Rio Grande do Sul, revelam uma forma de aprendizagem profundamente enraizada na vida comunitária e na experiência cotidiana. Para os Kaingang, educar não se restringe à transmissão de conteúdos formais, mas é um processo de viver e partilhar saberes, valores e práticas que asseguram a preservação

² Mauricio Vên Tain Salvador – Cacique da Aldeia Indígena Kaingang *Kógunh Mág* (Colaborador da pesquisa).

cultural e a identidade coletiva (Souza, 2019). A aprendizagem ocorre através da observação e da participação ativa, integrando-se aos rituais, às práticas sociais e ao cuidado com o território, promovendo a internalização de conhecimentos de maneira prática e significativa (Ausubel, 2003).

A transmissão de saberes se realiza principalmente por meio da oralidade. Contos, mitos e histórias ancestrais funcionam como instrumentos pedagógicos, transmitindo não apenas informações, mas valores éticos, normas de convivência e conhecimento sobre a história e o território Kaingang. Por meio dessas narrativas, crianças e jovens aprendem sobre sua identidade coletiva e sobre a relação de respeito com a natureza e a comunidade, consolidando a memória cultural e fortalecendo laços intergeracionais (Cunha, 2008).

Ressalta-se que segundo Krenak,

Os intelectuais da cultura ocidental escrevem livros, fazem filmes, dão conferências, aulas nas universidades. Um intelectual, na tradição indígena, não tem tantas responsabilidades institucionais, assim tão diversas, mas ele tem uma responsabilidade permanente que é estar no meio do seu povo, narrando a sua história, com seu grupo, suas famílias, os clãs, o sentido permanente dessa herança cultural (krenak, 1992, p. 1).

Rituais e festividades são espaços educativos fundamentais. Eventos tradicionais, como celebrações de agradecimento à natureza, não apenas preservam a espiritualidade e os costumes, mas também funcionam como momentos de aprendizagem prática, nos quais os jovens assimilam conceitos sobre cooperação, hierarquias sociais e solidariedade. Esse aprendizado integrativo demonstra que a educação indígena não ocorre apenas na esfera formal, mas se manifesta no cotidiano comunitário, promovendo a construção de conhecimento de forma autorregulada e afetiva (Luckesi, 2011).

Nas palavras do Krenak:

É uma orientação que pode ser pensada como mágica, mas, na verdade, é o nosso modo de vida. Enquanto (nos) perseverarmos nele, vamos continuar sendo quem somos. Essa experiência (...) orienta as minhas escolhas. É uma forma de preservar nossa integridade, nossa ligação cósmica (krenak, 2020b, p. 21).

Portanto, as memórias educativas Kaingang não são apenas registros do passado, mas práticas vivas que continuam moldando a identidade e a aprendizagem da comunidade. Elas evidenciam que a educação, quando enraizada na experiência cultural, na oralidade e no cotidiano, constrói pertencimento, fortalece a autonomia do aprendiz e garante a transmissão de saberes de maneira significativa, afetiva e transformadora. “A aprendizagem significativa acontece quando o conteúdo novo é ligado de forma substantiva e não arbitrária a conceitos relevantes que o aprendiz já possui” (Ausubel, 2003, p. 22).



Tradição e saberes ancestrais

A tradição Kaingang é dinâmica e pedagógica, integrando práticas cotidianas, valores, cosmologia e ética (Krenak, 2019; Ortiz, 2023). Os mitos transmitem ensinamentos sobre hierarquia, relações sociais e cuidado ambiental, funcionando como verdadeiras pedagogias simbólicas.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar... E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover (Krenak, 2019, p. 27).

O saber ancestral possui caráter transdisciplinar, abrangendo ecologia, medicina, arte e espiritualidade. Essa integração permite que a educação Kaingang seja holística, conectando corpo, mente e espírito. A pesquisa demonstrou que os saberes ancestrais continuam vivos, orientando decisões comunitárias e práticas educativas.

A tradição Kaingang é um sistema educativo vivo, articulando práticas, valores, cosmologia e ética. Krenak (2019) enfatiza que os saberes ancestrais não estão no passado; eles se manifestam no presente e orientam o futuro. Em Canela, os rituais e mitos explicam a origem dos seres, dos rios, das plantas e dos animais, funcionando como verdadeiras pedagogias simbólicas.

Os mitos Kaingang, segundo Ortiz (2023), transmitem conhecimento sobre estruturas sociais, relações humanas e respeito ao território. Cada narrativa ensina lições sobre hierarquia comunitária, papéis sociais, e como cada ser humano deve atuar para manter o equilíbrio com a natureza. A tradição, portanto, não é estática; ela é processo educativo, ético e espiritual, em constante reinvenção.

Além disso, os saberes ancestrais têm um caráter transdisciplinar: envolvem ecologia, medicina, ética, arte, música e dança. O conhecimento Kaingang integra corpo, mente e espírito, algo que a educação formal ocidental raramente contempla, mas que é essencial para formar cidadãos íntegros e conectados com seu território.

As tradições e saberes ancestrais dos Kaingang do Município de Canela/RS, representam não apenas a história de um povo, mas também um modo de viver, compreender e se relacionar com o mundo. Esses saberes são transmitidos de geração em geração, principalmente por meio da oralidade, da experiência cotidiana e da participação ativa na vida comunitária (Souza, 2019). Cada ritual, canto, narrativa ou prática artesanal carrega



ensinamentos sobre respeito, solidariedade, ética e relação com a natureza, revelando que a educação Kaingang é inseparável da vida coletiva (Cunha, 2008).

A tradição Kaingang não é um simples resquício do passado, mas um elemento vivo que orienta decisões, molda identidades e fortalece vínculos comunitários. Como ressalta Halbwachs (1990), a memória coletiva atua como elo entre gerações, consolidando práticas e valores que garantem a continuidade cultural. Nas histórias contadas pelos anciãos, nas festas comunitárias e nas práticas de caça e cultivo, os jovens assimilam não apenas habilidades técnicas, mas modos de ser e compreender o mundo, conectando aprendizagem, ética e espiritualidade (Luckesi, 2011).

O diálogo entre tradição e contemporaneidade é constante. Os Kaingang conseguem preservar rituais e costumes ao mesmo tempo em que adaptam saberes ancestrais às demandas atuais, mantendo a relevância cultural e social de suas práticas (Souza, 2019). Essa capacidade evidencia que os saberes tradicionais não são estáticos, mas dinâmicos, vivos e resilientes, capazes de orientar a vida comunitária e a construção da identidade individual e coletiva (Viveiros de Castro, 1998).

Todavia, a preservação desses saberes enfrenta desafios, especialmente em contextos urbanos e escolares, onde o conhecimento indígena frequentemente é desvalorizado. Valorizar a tradição Kaingang exige reconhecer que saberes ancestrais possuem legitimidade própria, relevância pedagógica e capacidade de promover aprendizagem significativa e autorregulada (Ausubel, 2003).

Refletir sobre os saberes ancestrais Kaingang é compreender que tradição não é um obstáculo ao desenvolvimento, mas uma fonte rica de conhecimento, valores e aprendizagem. Cada narrativa, ritual ou prática comunitária ensina não apenas técnicas, mas modos de viver, sentir e se relacionar com os outros e com a natureza. Nesse sentido, a tradição é educativa, resiliente e transformadora, mantendo viva a memória e a identidade de um povo que continua a ensinar ao mundo a importância de aprender com os ancestrais (Halbwachs, 1990; Freire, 1996; Cunha, 2008).

Artesanatos na cultura indígena Kaingang

O artesanato Kaingang é pedagógico e simbólico, transmitindo habilidades manuais, valores sociais e conhecimento ancestral (Ferreira, 2014). A confecção de cestos, trançados e pinturas corporais envolve atenção, paciência e compreensão do mundo, constituindo prática educativa e ritualística.



Observou-se que ensinar artesanato às crianças não é apenas ensinar técnica, mas também cosmovisão e ética, reforçando identidade cultural e resistência. O artesanato funciona como veículo de memória e saberes, consolidando a ligação entre passado, presente e futuro.

Tem o cipó, as taquaras que a gente faz, os Chocales, o xing xing nosso, que ao mesmo tempo a gente confecciona as nossas armas, vamos dizer, com arco e flecha, as lanças, são tudo da natureza. E por isso que aqui nesse local tem a maioria das nossas matérias-primas. Por isso que a gente valoriza muito eles aqui. E nossos artesanatos é uma coisa que faz bem para o meio ambiente, não prejudica o meio ambiente. E tem outros... materiais confeccionados que eu vejo, que faz muito mal para o meio ambiente. Sempre quando eu estou dando as minhas palestras, eu digo para os alunos ou as pessoas que vêm aqui valorizem mais o artesanato dos povos indígenas, tira da natureza e, ao mesmo tempo, devolve para poder também valorizar essa cultura enquanto indígena (Kakupry³ - Ortis, 2024, p. 115).

O artesanato Kaingang é pedagógico e simbólico, transmitindo habilidades técnicas, valores sociais e cosmológicos. Ferreira (2014) argumenta que o fazer artesanal é uma pedagogia prática e estética, que ensina paciência, precisão e observação detalhada. Durante minha pesquisa, notei que a produção de cestos, trançados e pinturas corporais integra aprendizagem coletiva, memória histórica e identidade cultural.

O artesanato também é veículo de educação ética. Ensinar o trançado, por exemplo, implica ensinar respeito ao tempo, à natureza e aos limites do corpo, ao mesmo tempo em que se conta histórias de antepassados e mitos locais. As crianças aprendem que cada gesto tem significado e que a habilidade manual é inseparável do conhecimento ancestral.

Além disso, o artesanato é ferramenta de resistência cultural: enquanto práticas externas podem tentar homogeneizar a produção cultural, a continuidade do artesanato garante a sobrevivência de identidades, histórias e valores Kaingang.

Antigamente os artesanatos feitos não era para o comércio, os nossos antigos faziam esses artesanatos para que as mulheres, os rapazes, fossem buscar uma quantidade de ervas medicinais e colher frutas. E também serviam como berço de crianças que nasciam na época. Então, essa utilidade do artesanato antigamente era utilizada para outra coisa. E atualmente, a gente faz o artesanato hoje para comercializar e para poder comprar os alimentos para as nossas filhas (Vên Tain - Ortis, 2024, p. 70).

Os artesanatos ocupam um lugar central na cultura indígena Kaingang, representando não apenas habilidades manuais, mas também a expressão de saberes ancestrais, identidade cultural e cosmovisão. Cada objeto produzido sejam cestarias, adornos, utensílios ou peças de

³ Márcio Kakupry Salvador – Indígena Kaingang – participante da entrevista

vestuário carrega significados simbólicos e narrativas transmitidas de geração em geração, funcionando como um veículo de memória e educação comunitária (Cunha, 2008).

A confecção de artesanatos é uma prática educativa que integra aprendizagem, tradição e experiência prática. As crianças e jovens aprendem observando os mais velhos e participando das atividades de produção, desenvolvendo competências técnicas, senso estético, paciência e valorização do trabalho coletivo. Como ressaltam Ausubel (2003) e Luckesi (2011), a aprendizagem significativa ocorre quando novos saberes se articulam com experiências prévias, e nos contextos Kaingang, a prática artesanal é exatamente esse espaço de conexão entre conhecimento, tradição e vivência cotidiana.

Os artesanatos também refletem a relação dos Kaingang com o ambiente. A escolha de materiais naturais, como palhas, madeiras, sementes e fibras vegetais, revela um conhecimento profundo da biodiversidade local e das propriedades de cada recurso, evidenciando que a produção artística e utilitária é inseparável da ética de cuidado com o território (Gomes, 2015). Além disso, muitos artefatos carregam significados espirituais e simbólicos, servindo como elementos de rituais, festas e expressões identitárias, fortalecendo a memória coletiva e a coesão social (Halbwachs, 1990).

O artesanato Kaingang, portanto, vai além do funcional e do estético. Ele é educativo, integrando valores, práticas e narrativas culturais. Ao participar da confecção de objetos, os aprendizes assimilam modos de ser e de agir, internalizam valores de solidariedade e pertencimento, e preservam saberes ancestrais que poderiam se perder frente à modernidade e à escolarização formal (Freire, 1996; Souza, 2019).

Nesse sentido, valorizar os artesanatos indígenas é reconhecer sua função educativa e cultural, percebendo que cada peça produzida é também uma lição de história, ética e identidade. Os saberes incorporados na confecção artesanal demonstram que a aprendizagem, quando vinculada à tradição e à prática comunitária, é profunda, significativa e capaz de fortalecer tanto a autonomia quanto a memória coletiva do povo Kaingang.

A Educação das crianças Kaingang e a valorização da língua nativa

A educação das crianças é integrada à comunidade, combinando oralidade, prática e valores éticos. Bergamaschi (2011) observa que a língua Kaingang é fundamental para transmissão de cultura e memória.

Freire (1996) destaca a importância do diálogo na educação; entre os Kaingang, o diálogo ocorre entre gerações, natureza e espiritualidade. O aprendizado da língua nativa

fortalece pertencimento, autoestima e continuidade cultural, sendo central para a educação intercultural.

Segundo Ortis (2024, p. 02) ressalta que

Os povos indígenas vivem da mata, alimentam-se dos recursos da floresta, e é dela que tiram os insumos para tratar doenças e para a construção de sua comunidade. Os conhecimentos, dos saberes dos antepassados e da troca desses saberes com outros povos e comunidades. Esses conhecimentos fazem parte do seu modo de vida e do seu cotidiano, mesmo quando apenas uma pessoa da comunidade os detenha.

A educação das crianças Kaingang integra oralidade, prática e valores. Bergamaschi (2011) destaca que a língua é veículo de conhecimento, memória e identidade. Freire (1996) enfatiza que educar é um ato de diálogo; no contexto Kaingang, esse diálogo ocorre entre gerações, entre humanos e natureza, e entre o presente e os ancestrais.

A cultura indígena está presente na língua materna, costumes, cantos, danças, pinturas corporais, ritos, narrativas, saberes e tecnologias. Ela é uma das raízes ou matrizes da cultura brasileira a da cultura brasileira atual. Seus traços são encontrados em diferentes aspectos da vida dos brasileiros: alimentação (em comidas como mandioca, pipoca e tapioca, farinha, peixe), objetos, como a rede de descansar, no conhecimento das ervas medicinais, na nomenclatura de animais, no folclore, religiões, em manifestações culturais tradicionais e na relação com a natureza, e o hábito de tomar banho todos os dias (Parana, 2018, p. 16).

As crianças aprendem a língua não apenas por repetição, mas pela vivência em contextos significativos: cantos, histórias, brincadeiras e rituais. Isso fortalece o senso de pertencimento e a autoestima cultural. Além disso, o ensino da língua Kaingang na escola formal enfrenta desafios institucionais, mas representa uma oportunidade de reconciliação entre educação indígena e educação formal, promovendo interculturalidade e respeito aos saberes locais.

Na escola da aldeia Kaingang de Canela, há professores que se esforçam para incluir o ensino bilíngue e a oralidade tradicional. O desafio é grande, pois o sistema escolar ainda reproduz modelos eurocêntricos. Porém, a luta é para que a educação formal dialogue com os modos próprios do ensino Kaingang, fortalecendo a língua, a identidade e o pertencimento.

A educação das crianças Kaingang é profundamente marcada pela valorização da língua nativa, considerada um elemento central da identidade cultural e da transmissão de saberes ancestrais. Aprender e falar a língua Kaingang vai além da comunicação; é uma forma de manter viva a história, os valores e as práticas comunitárias. Como afirma Cunha (2008), a língua indígena funciona como instrumento de educação cultural, transmitindo normas de convivência, ética, cosmologia e conhecimento sobre o território.



Na convivência com os mais velhos, aprende-se o jeito certo de se comportar e de se relacionar com todos da família e do grupo. Dessa forma as crianças aprendem, quem são as pessoas que devem ser tratadas como irmãos e irmãs, como tios e tias, com quem poderão se casar no futuro. Desse jeito entendemos a importância em viver na comunidade dentro da aldeia (Vén Kág⁴ - Ortis, 2024, p. 68).

Nas comunidades Kaingang, as crianças aprendem a língua nativa desde cedo, através da convivência com familiares e anciãos, da participação em rituais, das histórias contadas oralmente e das atividades cotidianas. Essa aprendizagem é natural, imersiva e experiencial, permitindo que as crianças internalizem conceitos, valores e modos de agir de maneira significativa. A oralidade é, portanto, o principal veículo de aprendizagem, reforçando a memória coletiva e promovendo a continuidade cultural (Halbwachs, 1990).

A valorização da língua Kaingang no processo educativo é também uma estratégia de resistência cultural frente às pressões da sociedade dominante e da escolarização formal, que muitas vezes privilegia apenas o português. Freire (1996) enfatiza que a educação deve partir da realidade do aprendiz, respeitando seus saberes e experiências. Nesse contexto, fortalecer a língua nativa na educação infantil significa garantir autonomia, autoestima e pertencimento cultural para as crianças, promovendo aprendizagem significativa e autorregulada (Souza, 2019).

A educação que recebi dos meus avôs e da minha mãe são bens muito preciosos. Lembro-me que sempre me dizia que tudo começa dentro de casa. E fui educada com olhar. Por exemplo, quando chegava visita, os meus avós não mandavam sair com palavras e sim com olhar, ou também a chamada de atenção era só uma vez. Caso fosse chamar pela segunda vez, já era para apanhar. A educação era muito rígida, o respeito pelas pessoas mais velhas era o que mais falava. Então na fala das pessoas com quem foi conversado vem muito à tona que a educação que eu recebi não é diferente. É claro que cada cultura tem o modo de educar. E era a hora sagrada quase todos os dias, umas 4 horas da manhã, eles chamavam ou melhor pediam para acordar para conversar do que poderíamos saber para não passar dificuldades ou sofrer na vida. O meu avô e minha avó me aconselhavam através de sua história de vida, então, eu cresci com o intuito de estudar e ajudar o meu povo (Ortis, 2024, p.108).

Além disso, a língua Kaingang é portadora de conhecimentos específicos sobre o meio ambiente, fauna, flora, medicina tradicional e práticas comunitárias. Cada palavra e expressão carrega uma dimensão cultural e ecológica que dificilmente pode ser traduzida ou transmitida em outra língua. Por isso, a educação que integra a língua nativa contribui para a preservação de saberes ancestrais e para a construção de uma identidade sólida e resiliente.

⁴ Alexandre Tomas Pereira - Indígena Kaingang - participante da entrevista.



Todos os meus ensinamentos passaram pela minha mãe. E claro que meu pai também me ensinou boas maneiras. Mas a minha educação, principalmente como eu nasci e vivi na aldeia, foi... 80% eu diria que foi passado pela minha mãe. E o meu pai complementava os outros 20%. Eu valorizo bastante na minha cultura a língua materna falada, as comidas típicas, os rituais, as danças, as ervas medicinais. Tudo relacionado à minha cultura kaingang eu valorizo muito (Corrêa⁵, Ortis, 2024, p. 108).

A preservação e valorização da língua Kaingang na educação infantil é, portanto, um ato de fortalecimento cultural e pedagógico. Ensinar e aprender nessa língua é garantir que as crianças cresçam com consciência de sua história, pertencimento e responsabilidade comunitária, assegurando a continuidade de saberes que sustentam a memória e a identidade do povo Kaingang.

Uso de ervas medicinais

O conhecimento sobre ervas medicinais é adquirido por observação, prática e narrativa (Krenak, 2020). Cada planta possui funções terapêuticas e simbólicas, transmitindo ética, respeito e conexão espiritual.

O conhecimento sobre ervas medicinais é aprendido por prática e observação, sendo inseparável do contexto espiritual e ecológico. Krenak (2020) lembra que a natureza é professora; aprender sobre plantas é também aprender sobre respeito, paciência, observação e reciprocidade com o mundo natural.

Além do uso medicinal, cada erva tem valor simbólico e ritualístico, sendo utilizada para ensinar resiliência, ética e conexão espiritual. As práticas de cura e de transmissão de conhecimento são momentos educativos nos quais crianças e jovens absorvem valores culturais, biológicos e espirituais

O uso das ervas medicinais ocupa um lugar central na cultura do povo Kaingang, constituindo um conhecimento ancestral que integra saúde, espiritualidade e educação comunitária. Para os Kaingang, a relação com as plantas não é meramente utilitária; ela envolve respeito pelo ambiente, observação detalhada da natureza e compreensão dos ciclos da vida (Souza, 2019). Cada planta possui múltiplos significados, funções e modos de uso, transmitidos oralmente pelos anciãos e exercitados por crianças e jovens desde cedo, em um processo de aprendizagem imersivo e experiencial.

A aprendizagem sobre ervas medicinais não se dá em livros, mas na prática cotidiana e na observação direta dos mais velhos. Crianças acompanham adultos na coleta, preparação e

⁵Josemari da Silva Correa - Pedagoga - Indígena Kaingang - participante da entrevista.

administração das plantas, absorvendo conhecimentos sobre botânica, efeitos terapêuticos, combinações e limitações de cada recurso natural (Ausubel, 2003). Esse processo garante que o conhecimento seja internalizado de forma significativa, fortalecendo a memória coletiva e a identidade cultural Kaingang (Halbwachs, 1990).

Além do aspecto prático, o uso das plantas está estreitamente ligado à espiritualidade e à visão de mundo Kaingang. Algumas ervas são consideradas sagradas, utilizadas em rituais de cura, proteção e agradecimento à natureza, reforçando a relação ética entre comunidade e meio ambiente (Gomes, 2015). Assim, aprender sobre as ervas não é apenas aprender a curar doenças físicas, mas também desenvolver compreensão ética, espiritual e social, consolidando valores comunitários e modos de viver que têm sustentado o povo Kaingang por gerações.

Ressaltamos que na fala da senhora Marlene podemos perceber a importância do uso das ervas medicinais.

O nosso conhecimento da planta, da erva que nós pegamos lá no mato, ela tá lá na natureza né. Nós sabemos que ela já tem, que ela já é especialmente pra infecção. Nós sabemos que ela é pra especialmente para inflamação da garganta. Ela é para dor. Então quando você toma um remédio pra infecção ela seja químico né, você sabe que aquela dor já vai aliviar [...] nossos pais nossos avós já diziam esse aqui vai aliviar a dor, esse aqui é pra infecção. Então é a mesma coisa que se você tomar a química, que se você vai tomar um antibiótico ele é pra infecção né. Então dali eu sei se parou a infecção parou a dor né (Salvador⁶ - Ortis, 2024, p. 103-104).

O conhecimento sobre plantas medicinais também enfrenta desafios contemporâneos, especialmente com a expansão da medicina ocidental e a diminuição do contato direto com o território. A valorização desses saberes exige reconhecimento de sua legitimidade, integração com práticas educativas e respeito às formas tradicionais de aprendizagem, garantindo que a transmissão intergeracional continue viva e significativa (Cunha, 2008).

Portanto, o uso das ervas medicinais pelos Kaingang vai muito além de uma prática terapêutica: ele constitui um espaço de educação, memória e identidade cultural. Cada planta ensina sobre cuidado com o corpo, respeito à natureza, ética comunitária e continuidade de saberes ancestrais, demonstrando que o conhecimento indígena é profundamente integrado à vida, à aprendizagem e à preservação cultural.

⁶Marlene Salvador – Indígena Kaingang – participante da entrevista.

Conservação dos rituais cosmológicos

Os rituais cosmológicos, além de funcionarem como práticas espirituais, são escolas vivas que ensinam valores comunitários, preservação do território e vínculo com os ancestrais (Bergamaschi, 2010). Crianças e jovens aprendem por participação, absorvendo conhecimento experiencial, ético e cultural.

Os rituais Kaingang não são apenas cerimônias; são escolas vivas, transmitindo normas sociais, valores éticos, cosmologia e modos de vida sustentáveis. Bergamaschi (2010) enfatiza que rituais indígenas são pedagogias coletivas que formam identidade e ética.

Segundo Ortis (2024, p. 110) onde a autora relata sobre a importância das casas ou malocas dos saberes ou de conhecimentos povos indígenas.

Para passar esses conhecimentos, cada cultura tem uma casa que se chama a casa do saber ou maloca do saber ou, pode-se dizer, casa da reza. A casa de reza dentro da aldeia é um importante espaço de aprendizagem da aldeia, pois é neste lugar que os indígenas ouvem os mais velhos, aprendem sobre sua cultura e recebem os conselhos dos pajés. É neste espaço que ocorre a comunicação com o mundo espiritual, havendo as revelações, ou seja, os conhecimentos e as informações enviadas pelo mundo espiritual. Dessa forma, a casa de reza é vista como a primeira escola, lugar onde se aprende a ser e a estar no mundo de acordo com a cultura (Ortis, 2024, p. 110).

Ao participar desses rituais, as crianças aprendem sobre a importância da coletividade, da preservação do território e da ligação com os ancestrais. Esses momentos representam educação experiencial, ética e espiritual, que fortalece vínculos intergeracionais e perpetua o conhecimento Kaingang.

A conservação dos rituais cosmológicos do povo Kaingang constitui um elemento central na manutenção da identidade cultural, da memória coletiva e da organização social da comunidade. Esses rituais, que articulam espiritualidade, ética e relações com a natureza, são transmitidos de geração em geração e funcionam como mecanismos educativos, nos quais crianças, jovens e adultos aprendem sobre os valores, a história e a cosmologia Kaingang (Souza, 2019; Cunha, 2008). A participação nesses rituais permite que o indivíduo compreenda seu lugar no mundo, as responsabilidades comunitárias e a importância do equilíbrio entre seres humanos, espíritos e a natureza.

A educação vivencial proporcionada pelos rituais cosmológicos é um exemplo de aprendizagem significativa, conforme postulada por Ausubel (2003). Ao envolver-se ativamente nas cerimônias, os jovens assimilam conhecimentos complexos sobre mitos de criação, ciclos naturais, hierarquia social e ética comunitária, integrando-os de forma prática e

emocional à experiência cotidiana. A oralidade desempenha papel essencial nesse processo, já que as narrativas contadas pelos anciãos preservam conteúdos simbólicos, históricos e cosmológicos, reforçando a memória coletiva e a continuidade cultural (Halbwachs, 1990).

Além de sua função educativa, os rituais Kaingang exercem papel de mediação entre o mundo material e espiritual, oferecendo orientações éticas e espirituais para a vida comunitária. Como observa Freire (1996), a educação deve partir da realidade do aprendiz, promovendo reflexão crítica e integração com sua cultura; nesse sentido, os rituais cosmológicos atuam como espaços de reflexão, socialização e transmissão de valores, fortalecendo tanto a coesão comunitária quanto a identidade individual.

A conservação desses rituais enfrenta desafios significativos diante da modernidade, da pressão da sociedade envolvente e da escolarização formal que muitas vezes ignora ou desvaloriza saberes tradicionais. A preservação e valorização das práticas cosmológicas Kaingang requerem políticas interculturais e estratégias de mediação educativa que reconheçam a legitimidade desses conhecimentos e facilitem a participação ativa das novas gerações (Gomes, 2015; Souza, 2019).

Portanto, os rituais cosmológicos Kaingang não são apenas manifestações culturais, mas práticas educativas, éticas e simbólicas que consolidam a memória, preservam a identidade coletiva e promovem a aprendizagem autorregulada e significativa. A continuidade dessas tradições evidencia que o conhecimento indígena, enraizado na espiritualidade e na experiência vivencial, é vital para a educação, a coesão social e a sustentabilidade cultural do povo Kaingang (Luckesi, 2011; Viveiros de Castro, 1998).

Considerações finais

O estudo evidencia que as memórias educativas e os saberes ancestrais Kaingang constituem patrimônio imaterial fundamental. A educação indígena vai além da instrução formal, sendo processo de resistência cultural, reexistência identitária e valorização de saberes ancestrais. As formas de transmissão do conhecimento Kaingang, centradas na oralidade, na prática comunitária e no contato com o território, configuram uma educação integrada à vida e à cultura, que vai muito além da lógica escolar formal.

A integração entre epistemologias acadêmica e indígena fortalece educação intercultural, preserva a língua, reforça o artesanato e mantém vivos os rituais cosmológicos, garantindo a continuidade das tradições Kaingang.



Referências

- BERGAMASCHI, M. A. História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang. **Revista Brasileira de História**, 2010.
- FERREIRA, B. **Educação Kaingang**: processos próprios de aprendizagem e educação escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MUNDURUKU, D. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970–1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- ORTIS, M. L. B. **Educação indígena Kaingang**: mediações, histórias e memórias (Canela/RS). *Letra Indígena*, 2024.
- ORTIS, Maria Laura Brito. **Educação indígena Kaingang**: mediações, histórias e memórias (Canela/RS). Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Caxias do Sul, 2024.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- CUNHA, M. C. **Educação indígena no Brasil**: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, P. S. **Educação intercultural e povos indígenas**: experiências e desafios. Brasília: MEC, 2015.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2011.
- PARANÁ, 2008. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Coordenação da Educação Escolar Indígena. Educação Escolar Indígena/Secretaria de Estado da Educação.
- SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO. Departamento de Ensino Fundamental. Coordenação da Educação Escolar Indígena. – Curitiba: SEED – Pr., 2006. - 88 p. - (Cadernos Temáticos).
- ORTIS, Maria Laura Brito. Memórias educativas, histórias e vivências dos indígenas Kaingang em Canela/RS: saberes, tradições e resistências ancestrais. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 4, n. 1, p. 39-56. 2026.



SOUZA, J. R. **Saberes indígenas e aprendizagem autorregulada: perspectivas interculturais.** Porto Alegre: Penso, 2019.

CASTRO, E. Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 1998.